

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 3 Setembro - Dezembro 2023

ARTIGO

CORPOS FRAGMENTADOS FEITOS DE OLHARES: PERSPECTIVAS WAI WAI E KARAIWA

Camila Pereira Jácome*

Igor Moraes Mariano Rodrigues**

Cooni Wai Wai***

RESUMO

Neste artigo, discutiremos, através de uma experiência compartilhada de pesquisadores indígenas Wai Wai e não indígena [*karaiwa*], a análise e classificação de artefatos cerâmicos arqueológicos Pocó e Konduri, que fazem parte da coleção da Casa de Cultura da Prefeitura de Oriximiná/PA. Essa diferença de olhares sobre as peças cerâmicas gerou interpretações diversas entre os autores indígenas e não indígenas, bem como entre os próprios indígenas. Além disso, ficou evidente que a perspectiva dos pesquisadores indígenas identificou uma grande diversidade de seres (animais, pessoas, “espíritos da floresta”). Essa variedade de seres identificados é fruto da experiência empírica da caça, do conhecimento de histórias e da absorção da paisagem. As interpretações indígenas são tão legítimas quanto as da arqueologia, e esse trabalho, em conjunto, mostrou que elas vão além da materialidade e morfologia, evocando histórias, sons e memórias individuais e coletivas.

Palavras-chave: cerâmica arqueológica; rio Trombetas; pesquisadores indígenas; Wai Wai.

* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e professora adjunta do bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: camila.jacome@ufopa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6627-9399>.

** Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e pós-doutorando do Departamento de Antropologia das Américas da Universidade de Bonn. E-mail: igor_mmrodrigues@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4793-8157>.

*** Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: cooniww@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3853-5011>.

FRAGMENTED BODIES MADE OF VIEWS: WAI WAI AND KARAIWA PERSPECTIVES

ABSTRACT

In this article, we will discuss, from a shared experience of Indigenous Wai Wai and non-Indigenous [*karaiwa*] researchers, the analysis and classification of archaeological Pocó and Konduri ceramic artifacts, which are part of the Casa de Cultura da Prefeitura de Oriximiná/PA collection. This difference of views about the ceramic pieces generated diverse interpretations between Indigenous and non-Indigenous authors, and between the Indigenous authors themselves. Also, the perspective of the Indigenous researchers evidently identified a great diversity of beings (animals, people, “spirits of the forest”). This variety of beings identified is fruit of the empirical experience of hunting, the knowledge of histories, and the absorption of the landscape. The Indigenous interpretations are as legitimate as the archaeological ones, and this joint work showed that they go beyond the materiality and morphology, evoking individual and collective histories, sounds, and memories.

Keyword: archaeological ceramic; Trombetas river; Indigenous researchers; Wai Wai.

CUERPOS FRAGMENTADOS HECHOS DE MIRADAS: PERSPECTIVAS WAI WAI Y KARAIWA

RESUMEN

En este artículo discutiremos, desde la experiencia compartida de los investigadores indígenas Wai Wai y los no indígenas [*karaiwa*], el análisis y la clasificación de piezas cerámicas arqueológicas Pocó y Konduri, que forman parte del acervo de la Casa de la Cultura de la Alcaldía de Oriximiná (Pará, Brasil). Las distintas miradas sobre la cerámica dieron lugar a diferentes interpretaciones entre los autores indígenas y los autores no indígenas, así como entre los propios indígenas. Además, la perspectiva de los investigadores indígenas identificó una gran diversidad de seres (animales, personas, “espíritus del bosque”). Esta variedad de seres identificados es el resultado de la experiencia empírica de la caza, del conocimiento de las historias y de la absorción del paisaje. Las interpretaciones indígenas son tan legítimas como las de la Arqueología y, conforme demuestra este trabajo conjunto, van más allá de la materialidad y la morfología, evocando historias, sonidos y memorias individuales y colectivas.

Palabras clave: cerámica arqueológica; río Trombetas; investigadores indígenas; Wai Wai.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma experiência de pesquisa arqueológica compartilhada entre *karaiwa*¹ e indígenas Wai Wai,² ocorrida na análise de parte do acervo arqueológico mantido na Casa de Cultura da prefeitura de Oriximiná/PA.³ O acervo é composto por peças provenientes da cidade e de comunidades situadas no Baixo Rio Trombetas, dentro do município de Oriximiná. Em particular, o material cerâmico é numericamente expressivo e apresenta diversos fragmentos de apliques figurativos, isolados ou ainda junto às bordas, além de gargalos, pés trípodas e bases diversas.

A presente pesquisa foi motivada, no início, por questões arqueológicas não indígenas, e o material seria estudado através de parâmetros usuais da arqueologia amazônica (JÁCOME, 2017). Na organização e reacondicionamento das peças, entretanto, a atuação voluntária dos Wai Wai redirecionou a pesquisa, transformando-a num espaço colaborativo de compartilhamento de perspectivas de classificação, em que as figurações cerâmicas foram separadas e agrupadas seguindo em especial o olhar indígena. As categorias de análise foram pensadas a partir da anatomia, comportamento, hábitat e referenciais cosmológicos, transcendendo os limites da forma material observada nas peças, nas quais em geral se baseiam as classificações arqueológicas. O reconhecimento de quarenta espécies de animais, entre outras categorias, enriqueceu o entendimento do material e ainda fomentou discussões sobre pontos de vistas indígenas e não indígenas. Exploraremos isso neste trabalho, cujo título inspira-se em Taylor e Viveiros de Castro (2019), já que são os olhares que fabricam aquilo que se vê, com base na vivência de quem projeta o olhar, assim como a metamorfose corporal está no cerne dos entendimentos indígenas sobre os corpos.

Consideramos que a experiência foi produtiva tanto para a pesquisa arqueológica quanto para os voluntários Wai Wai. Ela nos possibilitou contrapor, ampliar e repensar o olhar acadêmico em relação à classificação de apliques modelados associados aos estilos cerâmicos regionais do Baixo Trombetas, definidos na bibliografia como Pocó, Globular, Konduri e Espinha de Peixe (HILBERT, 1955; HILBERT; HILBERT, 1980). Ainda, este estudo contribui com os debates sobre estilos cerâmicos mais amplos do Baixo Amazonas (ALVES, 2019, 2020; LIMA; BARRETO; BETTANCOURT, 2016; VIDAL DE OLIVEIRA, 2020) ao trazer entendimentos indígenas acerca do material de forma direta, e não como reflexões baseadas apenas em trabalhos etnográficos. O estudo também contribui com a diversidade de arqueologias indígenas feitas no Brasil (CABRAL, 2014; JÁCOME, 2017; MACHADO, 2017; SILVA, 2012; WAI WAI, C., 2019; WAI WAI, J., 2017; WAI WAI, O., 2021), demonstrado o potencial que elas têm em descolonizar as narrativas arqueológicas hegemônicas. Outrossim, nossa experiência colaborativa reforçou o interesse de um dos autores deste artigo em seguir a carreira acadêmica, tornando-se um arqueólogo indígena. Nesse sentido, concordamos com Atalay (2012), para quem o

¹ *Karaiwa* é um termo waiwai que se aplica aos brasileiros não indígenas (HOWARD, 2001).

² As pessoas que se identificam como Wai Wai atualmente moram em quatro terras indígenas: Wai Wai/RR e as adjacentes Nhamudá-Mapuera/PA, Trombetas-Mapuera/RR/PA/AM e Katxuyana-Tunayana/PA/AM.

³ O acervo foi pesquisado entre 2012 e 2014 por Camila Jácome, André Prous, Igor Rodrigues, Elber Glória e Marcony Alves no âmbito do Projeto Norte-Amazônico, coordenado por André Prous e Ruben Caixeta de Queiroz da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além da organização inicial do acervo, parte da cerâmica e lítico foram estudados segundo critérios correntes de classificação arqueológica (CHYMZ, 1966; PROUS, 2004).

futuro da pesquisa arqueológica depende dos benefícios mútuos que ela pode trazer aos envolvidos em sua prática.

Primeiramente, apresentamos um panorama da arqueologia no Baixo Trombetas, fundamentando o olhar *karaiwa* para os principais estilos cerâmicos reconhecidos na região. Em seguida, apresentamos o acervo arqueológico da Casa de Cultura de Oriximiná, tecendo comentários sobre sua formação e diversidade. Abordamos a maneira pela qual o material foi analisado, situando as pessoas envolvidas no processo e ressaltando como o objetivo inicial foi repensado através da participação dos Wai Wai. Expomos adiante a diversidade de seres identificados nos apliques figurados e, finalmente, refletimos sobre os diferentes olhares acerca do material estudado, destacando como essa experiência ultrapassa a si mesma ao contribuir para as arqueologias indígenas e não indígenas.

PANORAMA DA ARQUEOLOGIA KARAIWA NO BAIXO TROMBETAS

Os estilos de cerâmicas arqueológicas relevantes para este trabalho são o Konduri, Pocó, Globular e Espinha de Peixe, definidos inicialmente na região entre os baixos cursos dos rios Nhamundá e Trombetas (HILBERT, 1955; HILBERT; HILBERT, 1980). Os dois primeiros estilos são reconhecidos na bibliografia por suas decorações plásticas e apliques modelados, zoo e antropomorfos, colocados nas bordas e bojos de recipientes cerâmicos (GUAPINDAIA, 2008; HILBERT, 1955; HILBERT; HILBERT, 1980; NEVES *et al.*, 2014). Todavia, o estilo Konduri tende a ter mais ponteados e raramente apresenta pinturas, enquanto o Pocó é mais diversificado em tipos de vasilhas e ornamentação, apresenta incisões, modelados, excisões, ponteados, escovados e, em menor frequência, a raspagem, o tracejado e o corrugado. A cerâmica Pocó apresenta uma das mais variadas gamas cromáticas das cerâmicas amazônicas. O estilo Globular é ornamentado por apliques de seção globular ou ovoide que receberam intenso ponteamto e incisão (HILBERT, 1955).⁴ O estilo Espinha de Peixe, por fim, tem decoração incisa com padrões em V, formando ziguezagues que evocam a espinha dos peixes, segundo HILBERT (1955).

A cerâmica Pocó é a mais antiga no contexto do Trombetas e Nhamundá, com datas entre 1330 ± 45 a.C. e 1000 ± 130 a.C. (HILBERT; HILBERT, 1980). A Konduri, mais recente, foi datada entre 1000 e 1400 d.C. (GUAPINDAIA, 2008), período contemporâneo à ocupação Tapajó.⁵ Não há datações para as cerâmicas Globular e Espinha de Peixe.

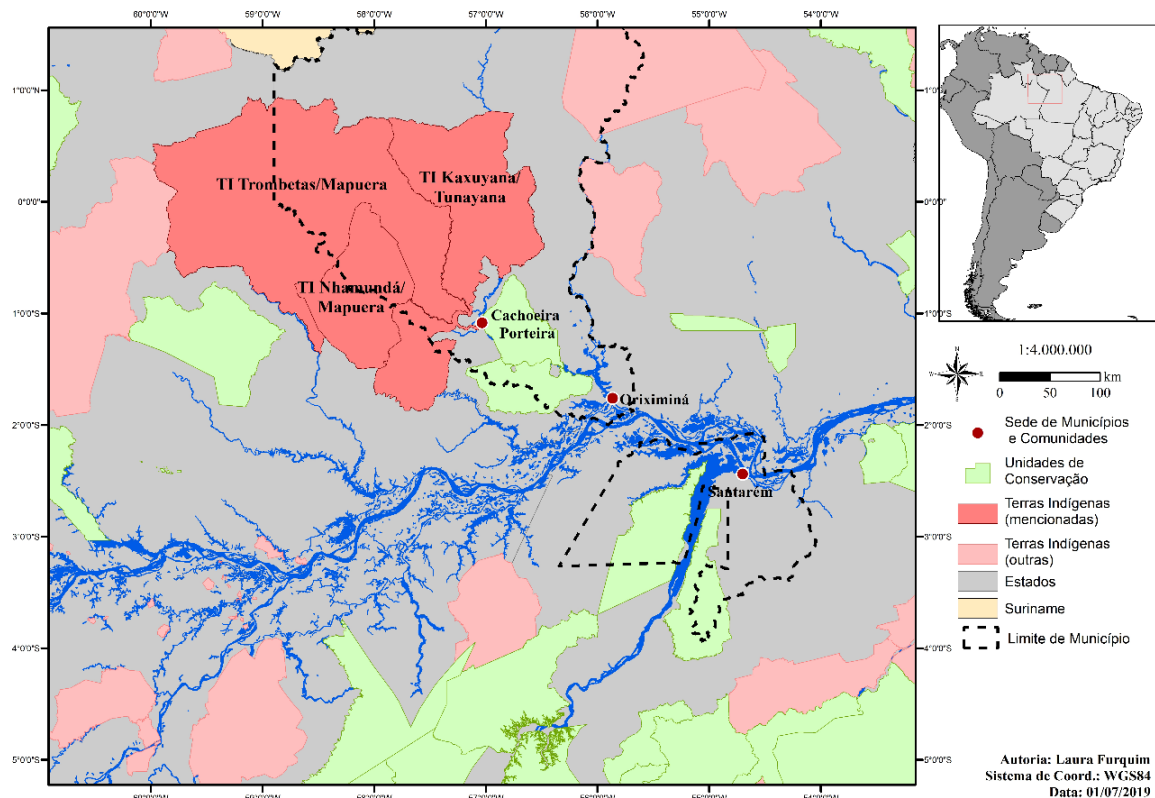
A continuidade das pesquisas possibilitou identificar os estilos Konduri e Pocó a montante do Baixo Trombetas (GUAPINDAIA, 2008) e afluentes, inclusive, em sítios dentro do território tradicional dos povos conhecidos como Wai Wai (JÁCOME 2011, 2017). Wai Wai é um termo englobante para povos majoritariamente falantes de línguas da família Karib, situados nas fronteiras entre Brasil e Guiana (Mapa 1), todavia, as pessoas podem se identificar enquanto Wai Wai, Parukoto, Tarumã, Xerew, Katuena,

⁴ Nas primeiras análises do acervo, usamos a categoria de classificação do estilo Globular. Entretanto, a partir da observação do acervo da Prefeitura, Jácome (2017) propôs que os fragmentos que se enquadrariam naquele estilo poderiam ser variações de apliques Pocó. Neves *et al.* (2014) já haviam levantado essa hipótese e Alves (2019) apresentou outros dados que coadunam com ela.

⁵ Cerâmica encontrada na cidade de Santarém/PA, entre os rios Tapajós e Amazonas. Desde o século XX (BARATA, 1950; NIMUENDAJÚ, 2004), essa cerâmica é relacionada com os históricos Tapajó, mencionados nas crônicas dos séculos XVII e XVIII. Posteriormente, ela passa a ser chamada de Santarém. Optamos pela nomenclatura Tapajó, seguindo Nimuendajú (2004), por sua evidente alusão à origem indígena. Estudantes e ceramistas que vivem em Santarém propuseram a nomenclatura Tapajoara para evitar um referencial colonialista.

Tunayana, Katxuyana, Karapawyana, entre outros (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, 2015; HOWARD, 2001). No entanto, as diferenças são reconhecidas e geram relações dentro das comunidades. Esse processo de construção de uma identidade genérica Wai Wai foi impulsionado pelo contato com os missionários evangélicos estadunidenses a partir do final da década de 1940 (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008; DIAS JR, 2003; HOWARD, 2001; JÁCOME, 2017; RODRIGUES, 2022; VALENTINO, 2019; WAI WAI, C., 2019; WAI WAI, J., 2017).

Mapa 1. Localização das terras indígenas Trombetas-Mapuera, Nhamundá/Mapuera e Katxuyana Tunayana.



Elaboração: Laura Furquim (2019).

Retomando às informações sobre arqueologia, na ampla região que compreende o rio Orinoco, das Guianas ao Baixo Amazonas, se desenvolveu, segundo Anna Roosevelt (1993), um horizonte suprarregional de cerâmicas com representações geométricas-zoomórficas, dentro do qual estão os estilos cerâmicos Konduri e Tapajó, ambos pertencentes à tradição Inciso Ponteadada, conforme definida por Meggers e Evans (1961). Esses dois estilos são ricamente ornamentados com apliques modelados que

sintetizam a preocupação em não só figurar a relação dos humanos com os animais, mas também com o sobrenatural, com um universo acima daqueles onde se encontram os humanos, e onde pequenas figuras “duais” modeladas para serem vistas ora como humanos, ora como pássaros, ou ainda como pássaros em voo (BARRETO, 2014, p. 128).

A antropomorfização de cerâmicas, seja o vaso como um todo ou nos apliques aderidos às partes dele, é recorrente na arqueologia Amazônica, como nas cerâmicas

Marajoara e Polícroma, cujas urnas funerárias são entendidas como meios de comunicação e transformação (física e espiritual) de corpos humanos enterrados dentro de corpos cerâmicos, que, por sua vez, são os mediadores (BARRETO, 2009, 2014; OLIVEIRA, 2020).

Já as cerâmicas Konduri e Tapajó apresentam raros vasos associados ao enterramento humano, e, quando isso ocorre, tal antropomorfismo não necessariamente está presente (GOMES; LUIZ, 2013). Desde os primeiros estudos, ambos os estilos são associados entre si por suas semelhanças (BARATA, 1950; NIMUENDAJÚ, 2004), mas, a partir de Hilbert (1955), diferenças foram ressaltadas. Algumas morfologias, como os vasos de cariátides, globulares e de gargalo foram concebidas enquanto características da cerâmica Tapajó (BARATA, 1950). Jácome (2017) identificou um vaso de gargalo numa aldeia do Médio Rio Mapuera, e Alves (2019) observou que esse tipo de vaso também ocorre na região associada ao estilo Konduri.

Jaime Wai Wai (2017) argumentou que as cerâmicas denominadas Konduri pela arqueologia *karaiwa*, em especial os apliques com figurações de animais, é um testemunho de que antigamente os xamãs entravam em contato com os espíritos dos animais. Esse entendimento é importante por expressar outros regimes de historicidade e interpretações, conectando o material e o imaterial. Numa perspectiva etnoarqueológica, Rodrigues (2021, 2022) estudou os trançados dos Wai Wai do Mapuera e observou que essa relação entre humanos e distintos materiais é interpessoal e multitemporal. As diferenças entre a arqueologia *karaiwa* e Wai Wai sobre as referidas cerâmicas denotam a importância do diálogo entre essas perspectivas (JÁCOME; WAI WAI, 2020).

O ACERVO ARQUEOLÓGICO DA PREFEITURA DE ORIXIMINÁ

Abrigado na Casa da Cultura da Prefeitura de Oriximiná, o acervo foi originado de uma apreensão⁶ feita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2005. Ele é constituído de fragmentos e vasilhas cerâmicas e peças líticas, sobretudo de artefatos e/ou fragmentos com polimento, provenientes de comunidades situadas no Baixo Trombetas, nas proximidades do centro urbano e oriundas de terrenos e quintais de casas localizadas no centro de Oriximiná (Mapa 2).

Os colecionadores desses materiais arqueológicos tinham interesses específicos, como curiosidade, afeto, relação de pertencimento ou mesmo interesse financeiro. Em geral, pode-se considerar que o colecionamento de peças arqueológicas é comum em diversas regiões amazônicas e em distintos contextos socioculturais (ALVES, 2019; BEZERRA, 2018; CABRAL, 2017; ROCHA *et al.*, 2014). Isso explicita por que a relação com os materiais arqueológicos não é exclusiva da arqueologia e por que os habitantes, ou vizinhos, de sítios arqueológicos se identificam de diversas formas com esses materiais, indicando que os materiais também são feitos de olhares.

⁶ Segundo informações de pessoas que atuavam na Casa da Cultura, a apreensão foi feita por equipe técnica de arqueologia do IPHAN, a partir de denúncia de que haveria uma rede de comércio dessas peças em Oriximiná.

Mapa 2. Localização de Oriximiná, cidade onde a coleção está depositada, na Casa da Cultura da prefeitura de Oriximiná.



Notar que, próximo da cidade, há vários lagos, onde se situam diversas comunidades e sítios arqueológicos que compõem o acervo da Casa da Cultura.

Elaboração: Ney Rafael Monteiro (2022).

Quando do estudo, o acervo estava guardado em caixas de papelão, sacolas e sacos plásticos, sobretudo em três sacos de polipropileno de 50 kg.⁷ Parte do material tinha alguma referência do colecionador e/ou do local no qual foram encontrados. A maioria foi reunida por um único colecionador, o sr. Ailton.⁸ Quando houve a referida apreensão das coleções, ele era um conhecido comerciante em Oriximiná, comprando as peças cerâmicas de moradores locais e das comunidades indígenas. Temeroso de ser preso, escondeu as peças reunidas, que somente foram doadas à Casa de Cultura de Oriximiná depois da morte dele. Sua coleção é composta por grande quantidade de lâminas de machado⁹ e fragmentos cerâmicos.

Em relação ao material cerâmico, a Casa de Cultura de Oriximiná conta com 3.112 peças distribuídas em 43 coleções.¹⁰ As peças dessas coleções passaram por uma

⁷ Essa embalagem é comumente utilizada para armazenagem e venda de farinha de mandioca torrada.

⁸ Não foi possível identificar o sobrenome desse colecionador.

⁹ O material lítico da coleção Ailton foi analisado por André Prous e Marcony Alves. As informações estão disponíveis em um relatório de pesquisa.

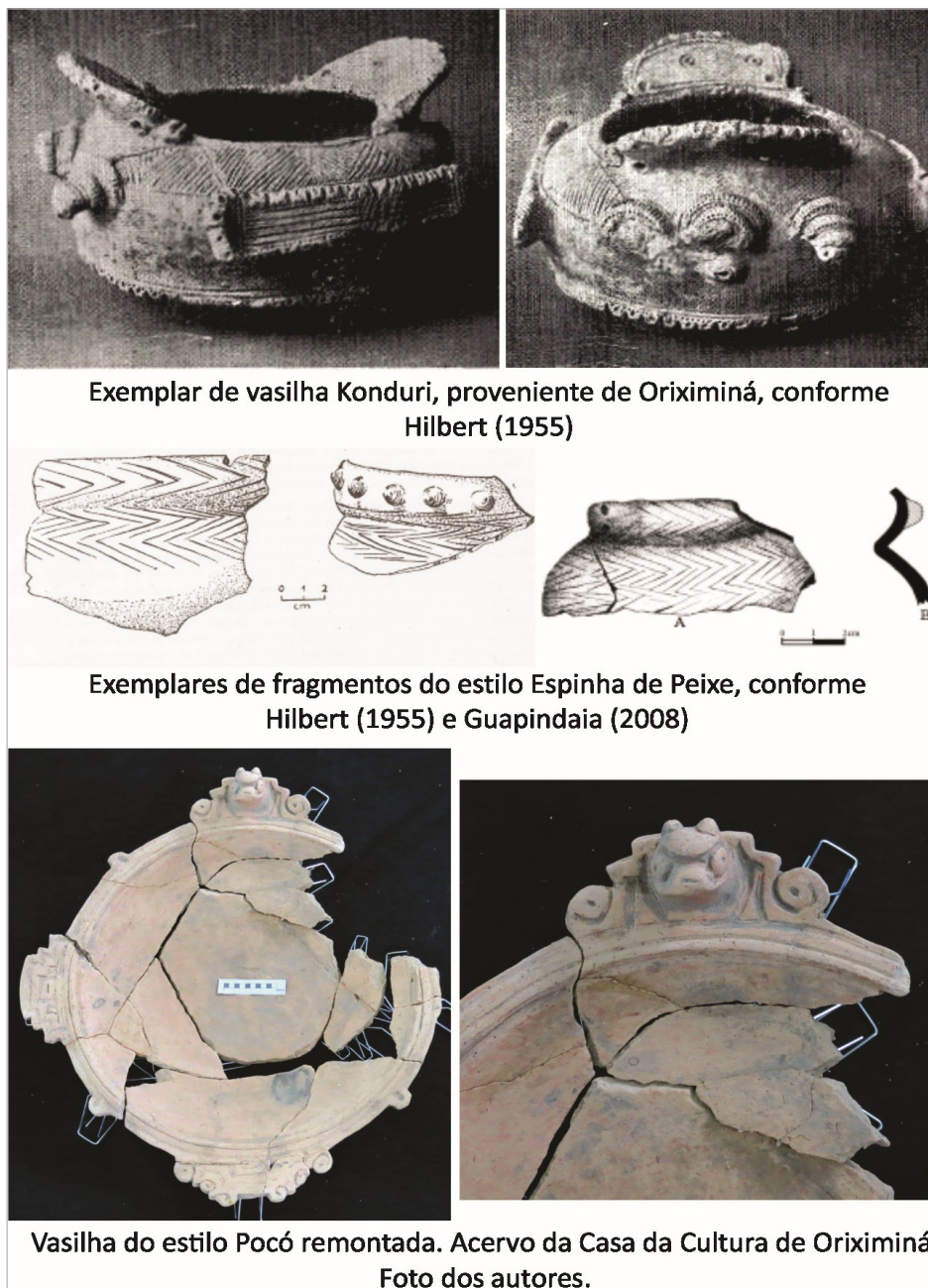
¹⁰ Chamamos de coleções os conjuntos de peças que tinham especificado doador ou colecionador e/ou localidade da coleta.

identificação tipológica inicial.¹¹ Distinguimos fragmentos de bojo, alças, gargalos, tortual de fuso, bases em pedestal e anulares, pés e bases trípodas, base tetrápode, um possível calibrador e peças com apliques modelados que representam 59,9% de todo o acervo. A maior parte do acervo é composta por peças semelhantes ao estilo Konduri (Figura 1). Depois, numericamente, temos peças do estilo Pocó e Espinha de Peixe (Figura 1) (GUAPINDAIA 2008; HILBERT, 1955; JÁCOME 2017), além de peças que, por suas características técnicas (cor, construção, pasta, queima etc.), parecem ser bem mais recentes, além dos raros fragmentos de louça. Do montante total de peças, apenas 864 fragmentos (27%) foram analisados em detalhe na ficha descritiva.

Entre as coleções, a maior delas, reunida pelo sr. Ailton, apresenta 1034 peças no total. Por ser composta majoritariamente por peças com figurações zoo e antropomorfas (de cerâmica Konduri e Pocó), foi a que mais chamou a atenção dos Wai Wai, que começaram a conversar sobre elas. Depois, incentivados pelos pesquisadores *karaiwa*, eles as organizaram e classificaram. Assim, ela não foi descrita em ficha analítica, como planejado de antemão. Essa mudança na análise tornou o processo de registro muito mais lento, sobretudo pelas discussões fomentadas e, claro, dificuldades de tradução. Entretanto, do quantitativo, o interesse se voltou ao qualitativo.

¹¹ Entre 2012 e 2014, a organização do acervo arqueológico foi reacondicionada.

Figura 1. Exemplos de vasilhas cerâmicas Konduri, Espinha de Peixe e Pocó, estilos cerâmicos presentes na Bacia do Rio Trombetas e representados na coleção da Casa de Cultura da Prefeitura de Oriximiná.



Fonte: Prancha de Igor Rodrigues (2022) a partir de fotos e desenhos de Hilbert (1955) e Guapindaia (2008). Fotos: Camila Jácome, Igor Moraes Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

PROJETANDO OLHARES: ANÁLISE DA CERÂMICA COM DIFERENTES PESSOAS

Apresentaremos agora os diferentes olhares, de um pesquisador, de uma pesquisadora *karaiwa* e de três jovens indígenas Wai Wai, que guiaram a experiência de análise da cerâmica. A participação dos voluntários Wai Wai na pesquisa aconteceu apenas em 2013, quando, diante da diversidade de seres que estavam reconhecendo nas figurações, se entusiasmararam e decidiram participar da análise. Na conversa inicial, os *karaiwa* destacaram que seria interessante se eles separassem e agrupassem os apliques figurativos através de características que possibilitassem distinguir diferentes seres. Eles aceitaram

a proposta já que têm contato com diversos seres desde crianças e são habituados a desenhar e reconhecer padrões gráficos de partes de seres.¹² Assim, classificaram as peças com base na comparação entre a morfologia das figurações cerâmicas e das partes dos corpos de distintos seres. Nesse momento, houve intensos debates na língua nativa sobre o lugar de cada peça. Na maioria dos casos, mesmo sem consenso, o registro classificatório foi feito a partir da argumentação mais persuasiva.

Como dito, essa participação voluntária gerou uma adaptação do planejamento. A ideia inicial era obter, de modo exclusivo, informações quantitativas centradas nos tipos de fragmentos, em detalhes de manufatura (como antiplásticos, técnica construtiva e queima), marcas e manchas de uso e associação com os estilos arqueológicos definidos na bibliografia. Isso foi feito, mas num ritmo e abrangência menor para priorizar as discussões com os Wai Wai. Ao longo desse processo, remontagens, desenhos e fotografias também foram realizados (Figura 1).

Após a separação inicial, as figurações cerâmicas foram discutidas entre indígenas e *karaiwa* (Figura 2). Na ficha descritiva de análise das peças, incluímos um espaço dedicado às interpretações dos apliques figurativos, com os nomes escritos em waiwai e português. Nesse espaço, registramos os distintos pontos de vista, destacando as percepções dos cinco participantes, incluindo as discordantes.

A extensa e já consolidada discussão sobre a suposta neutralidade da ciência moderna (LATOUR, 1991) evidenciam a importância da localização dos autores de uma pesquisa. No presente trabalho, a experiência compartilhada de não indígenas e indígenas, de dentro ou fora da academia, é central para situar o conhecimento construído e discutido a seguir. As duas pessoas *karaiwa* se graduaram em História e fizeram pós-graduação em Antropologia e Arqueologia. Na época da análise do acervo, ambas tinham experiência com cerâmicas arqueológicas do sudeste do país e estavam trabalhando com materiais de sítios arqueológicos do rio Mapuera (afluente do Trombetas) desde 2010, além de atuarem nas escavações desses sítios entre 2010 e 2011. Dos três voluntários Wai Wai, Seniras e Cooni também participaram dessas escavações arqueológicas. Alfredo não participou delas porque, na época, morava na cidade. Contudo, ele sabia dessas atividades já que seu pai, o cacique Amaytá Wai Wai, foi um grande parceiro do projeto Norte-Amazônico.

Em 2013, Alfredo tinha quinze anos e ainda era estudante de ensino médio. Seniras e Cooni, ambos com 28 anos, já haviam concluído aquela etapa de estudo. Posteriormente, Seniras ingressou na graduação em Teologia em Manaus e Cooni em Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Dos três, o que melhor falava português na época era Alfredo, que foi o principal tradutor dos debates sobre a análise. Atualmente, Cooni Wai Wai — um dos autores deste trabalho — considera que, em 2013, a pouca fluência em português lhe trouxe algumas limitações na tradução de suas próprias categorias classificatórias. Essa reflexão vem num momento em que ele já passou pela graduação e atua profissionalmente na Arqueologia.¹³

Outras informações são importantes para contextualizar a análise dos Wai Wai. Nascido e criado na aldeia Mapuera, Seniras, que se declara Tunayana/Katwena,¹⁴ era um

¹² Para uma noção dos diferentes grafismos feitos pelos Wai Wai, ver Rodrigues (2022).

¹³ Cooni entrou no Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) em 2014, formando-se em 2020. No curso de Arqueologia, ele se dedicou a pesquisar os modos atuais de produção cerâmica das mulheres Wai Wai (WAI WAI, C., 2019).

¹⁴ Seniras, Cooni e Alfredo, apesar da identificação diante da sociedade nacional como Wai Wai, incluindo nome registrado em RG, se autodeclararam de acordo com a origem de seus familiares. Mesmo dentro dessas categorias, há outras diferenciações (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008; HOWARD, 2001).

caçador experiente, o que ficou nítido nas discussões e reconhecimento da diversidade das espécies atribuídas às figuras zoomorfas dos apliques cerâmicos. Cooni, autodeclarado Hixkaryana/Mawayana, também é da aldeia Mapuera e, assim como Serinas, tinha experiência com caça e conhecimento sobre espécies de animais. Cooni foi o que mais demonstrou interesse nas atividades da pesquisa, sendo extremamente detalhista em campo e nas análises das peças. Pela experiência de caça e por serem mais velhos, Cooni e Serinas foram os que mais debateram sobre a classificação dos apliques zoomorfos. Alfredo Wai Wai, por sua vez, se autodeclara como Mawayana, e ajudou na identificação dos animais, porém de forma mais tímida, auxiliando na produção de alguns desenhos de vasilhas arqueológicas.

Figura 2. Etapas da pesquisa na Casa de Cultura de Oriximiná/PA.



Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

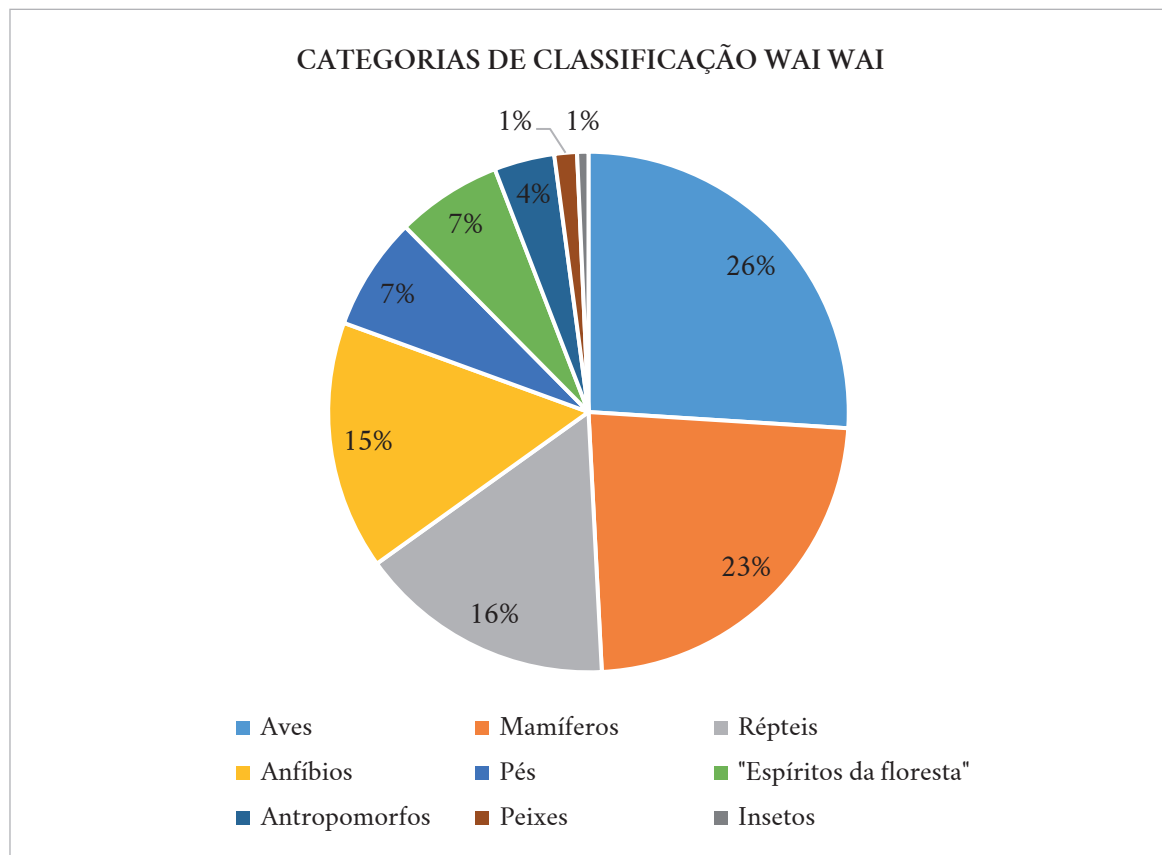
Nos dias em que estivemos na Casa da Cultura de Oriximiná, à medida que a notícia se espalhava entre outros indígenas que estavam na cidade, recebemos visitas de parentes dos Wai Wai, assim como de alguns Katxuyana, povo do rio Cachorro, afluente do Trombetas, que já conheciam a autora, Camila Jácome. Os Katxuyana também se interessaram pelos apliques e deram suas próprias interpretações em casos pontuais.

Em suma, nosso estudo está permeado por diferentes olhares: aqueles treinados por uma metodologia científica e disciplinar da arqueologia, cuja vida se desenrolou basicamente em centros urbanos; e olhares fundamentados na aprendizagem, vivência e prática de caça e pesca, que envolve observação e conhecimento empírico sobre hábitos e características morfológicas desses seres, além do reconhecimento acerca da importância de outras entidades que integram a cosmologia, ontologia e história Wai Wai.

A VARIEDADE DE SERES IDENTIFICADA NOS APLIQUES

A partir do cruzamento de dados descritos na ficha e das observações dos Wai Wai, apresentamos as identificações gerais das cerâmicas figurativas. Na amostragem de 429 apliques analisados, distinguiram-se 52 categorias. A maioria foi atribuída a animais ou partes deles, sobretudo suas cabeças. Em geral, em relação aos zoomorfos, as peças foram associadas a aves (26%), mamíferos (23%), répteis (16%), anfíbios (15%), insetos (1%) e peixes (1%). Há também peças entendidas como pés (7%), que não foram associados a nenhum ser em específico, peças identificadas como “espíritos da floresta” (7%), gêmeos (2%), pajés (1%) e pessoas (1%) (Gráficos 1 e 2, Tabela 1).

Gráfico 1. Classes de figurações identificadas das cerâmicas figurativas analisadas da Casa de Cultura de Oriximiná.



Fonte: Elaboração nossa.

Cinco apliques foram nomeados genericamente como aves [*tarinem komo*], enquanto outros foram especificados; 34 peças foram identificadas como urubu-de-cabeça-preta [*kwacinama*]; 2 como coruja [*pupuri*]; 16 como gavião-real [*yaimó*]; 1 como gavião-carijó [*wikoko*]; 1 como arara-canindé [*xaapi*]; 1 como periquito [*kawayapa*]; 23 como papagaio [*waaro*]; 1 como maritaca [*kreru*]; 1 como tucano araçari-de-bico-branco [*yakwe*]; 1 como pica-pau-de-banda-branca [*eetó*]; 23 como mutum [*pawxi*]; 1 como pato-do-mato [*yuruma*]; 1 como pombo-juruti [*potkukui*] (Figura 3).

Figura 3. Apliques com figuração de aves.



Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

Entre os mamíferos (Figuras 4 e 5), 24 peças foram identificadas como macaco-aranha [*porotó*]; 20 como macaco-prego [*meeku*]; 7 como guariba [*xipiri*]; 1 como ariranha [*wayawaya*]; 1 como quati [*xow*]; 6 como onça [*kamara*]; 12 como caititu [*pakriá*]; 9 como queixada [*poinkó*]; 1 como preguiça [*xohri*]; 1 como preguiça-real [*wayma*]; 1 peça como capivara [*yîwiri*]; 2 como anta [*yaipi*]; 14 como morcego [*reere*].

Figura 4. Apliques com figuração mamíferos: macacos, onças, quatis e morcegos.

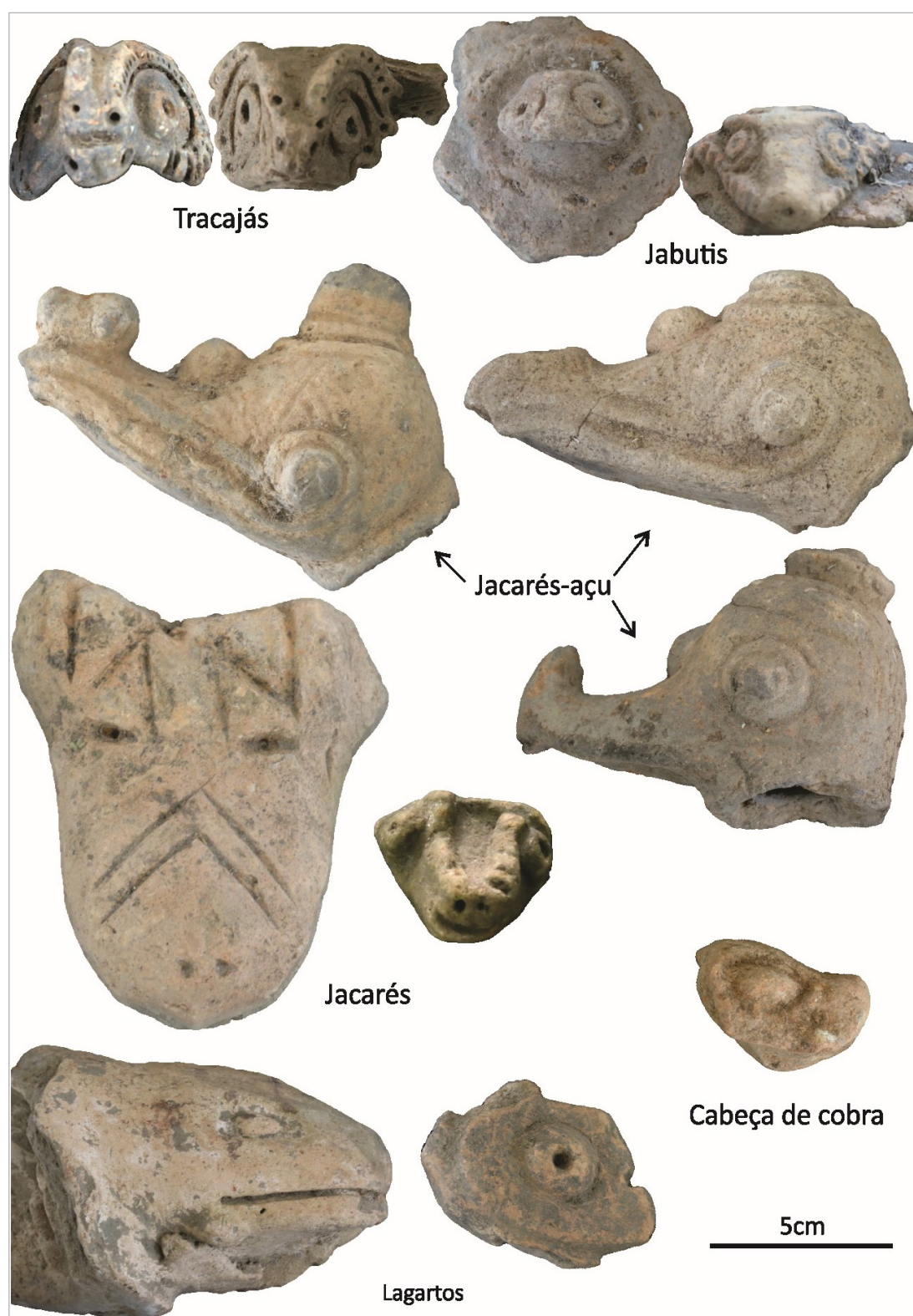


Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

Figura 5. Apliques com figuração mamíferos: preguiças, antas, caititus e queixadas.

Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

Na classe dos répteis (Figura 6), 1 peça foi reconhecida como tartaruga [*kwaciymó*]; 16 peças como tracajá [*kwaci*]; 6 peças como jabuti [*wayamu*]; 9 como jacaré [*watwa*]; 26 como jacaré-açu [*watwaymó*]; 4 como lagarto [*xukurwa*]; 3 como cobras no geral [*okoy*]; 1 como cobra jararaca [*okomkirisî*]; 2 como camaleão [*kwana*]; 1 peça discriminada como pé de jabuti [*wayamu yîhtari*]; 1 como rabo de jacaré [*watwa matkîrî*].

Figura 6. Apliques com figuração de répteis.

Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

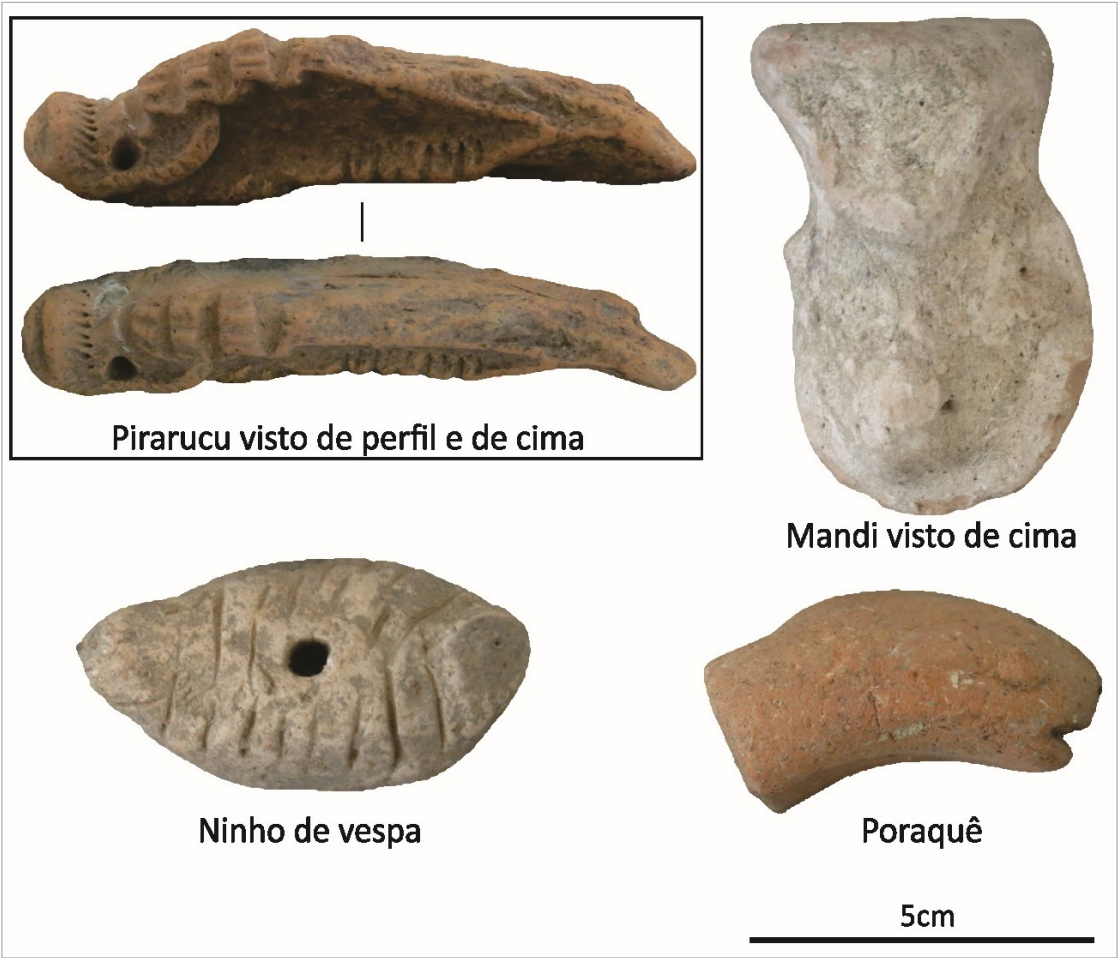
Entre os anfíbios, 62 peças foram atribuídas genericamente aos sapos [*pororî*]; 1 peça foi especificada como perereca [*kwarakwara*]; 2 como *mawa* [sapo não identificado pelos *karaiwa*]; 1 como sapo cururu [*kutó*].

Figura 7. Apliques com figuração de anfíbios.

Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

Três peixes (Figura 8) foram identificados como poraquê [*kaxkmi*]; 2 como o mandi [*warakaka*]; e 1 enquanto pirarucu [*piraruku*]. As peças relacionadas aos insetos (Figura 8) correspondem a 1 figuração de cigarra [*parawaku*] e 2 identificadas como ninhos de vespa (caba) [*okomo miin*].

Figura 8. Apliques com figuração de peixes e insetos.



Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

Tabela 1. Identificação das figuras zoomorfas com nomes nas línguas waiwai e portuguesa

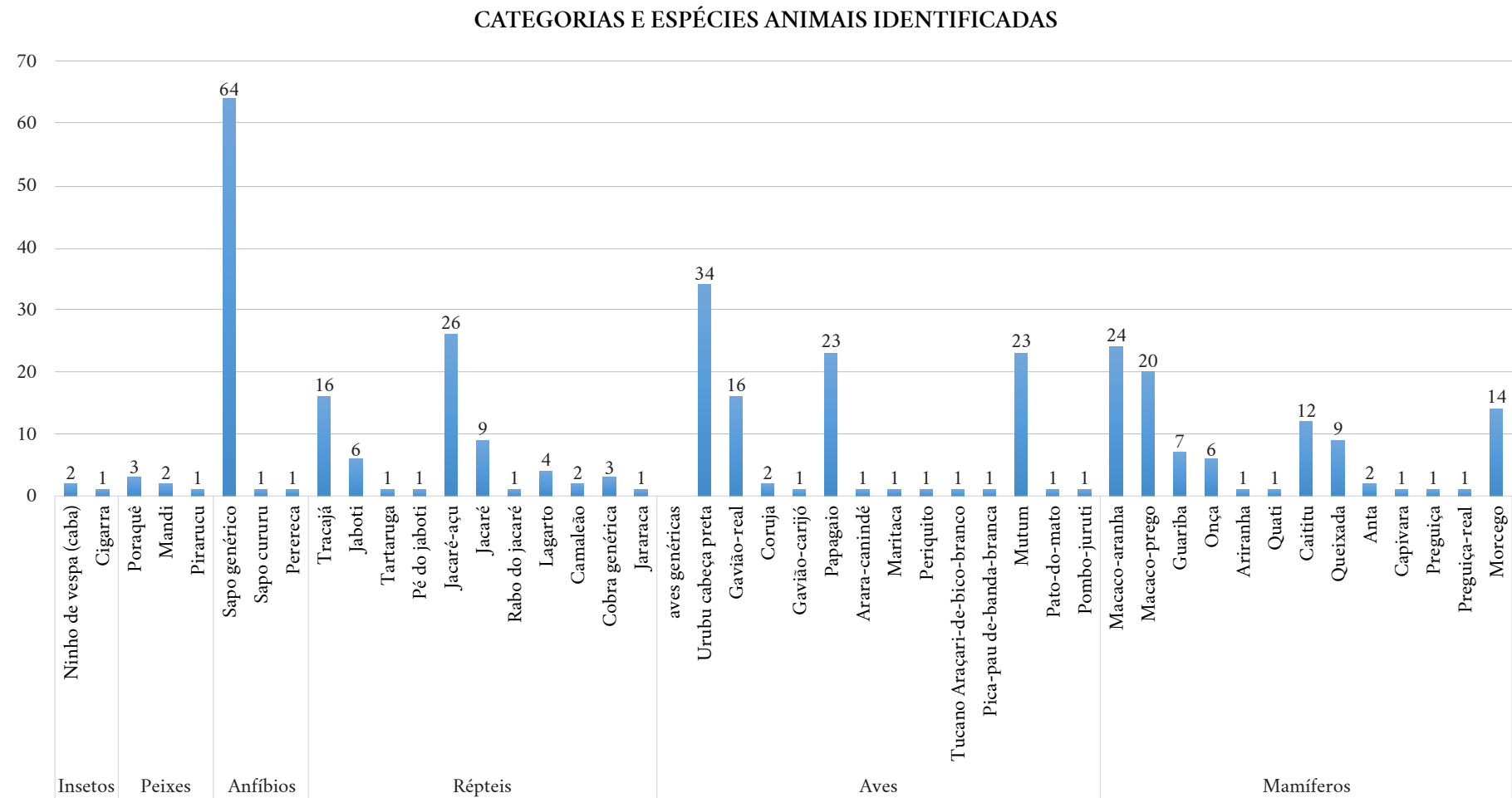
Classes	Nomes em waiwai	Nomes populares em português	Quantidades
Aves	<i>Tarinem komo</i>	Aves (termo genérico)	5
	<i>Kwacinama</i>	Urubu-de-cabeça-preta	34
	<i>Pupuri</i>	Coruja	2
	<i>Yaimó</i>	Gavião-real	16
	<i>Wikoko</i>	Gavião-carijó	1
	<i>Xaapi</i>	Arara-canindé	1
	<i>Waaro</i>	Papagaio	23
	<i>Kreru</i>	Maritaca	1
	<i>Kawayapa</i>	Periquito	1
	<i>Yakwe</i>	Tucano araçari-de-bico-branco	1
	<i>Eetó</i>	Pica-pau-de-banda-branca	1
	<i>Pawxi</i>	Mutum	23
	<i>Yuruma</i>	Pato-do-mato	1
	<i>Potkukui</i>	Pombo-juruti	1

continua...

Tabela 1. Continuação

Classes	Nomes em waiwai	Nomes populares em português	Quantidades
Mamíferos	<i>Porotó</i>	Macaco-aranha	24
	<i>Meeku</i>	Macaco-prego	20
	<i>Xipiri</i>	Guariba	7
	<i>Wayawaya</i>	Ariranha	1
	<i>Xow</i>	Quati	1
	<i>Kamara</i>	Onça	6
	<i>Pakriá</i>	Caititu	12
	<i>Poinkó</i>	Queixada	9
	<i>Xohri</i>	Preguiça	1
	<i>Wayma</i>	Preguiça-real	1
	<i>Yiwiri</i>	Capivara	1
	<i>Yaipî</i>	Anta	2
	<i>Reere</i>	Morcego	14
Répteis	<i>Kwaciymó</i>	Tartaruga	1
	<i>Kwaci</i>	Tracajá	16
	<i>Wayamu</i>	Jabuti	6
	<i>Wayamu yihtari</i>	Pé do jabuti	1
	<i>Watwa</i>	Jacaré	9
	<i>Watwaymó</i>	Jacaré-açu	26
	<i>Watwa matkîr</i>	Rabo do jacaré	1
	<i>Xukurwa</i>	Lagartos	4
	<i>Kwana</i>	Camaleão	2
	<i>Okoy</i>	Cobra genérica	3
	<i>Okomkirisî</i>	Jararaca	1
Anfíbios	<i>Porori</i>	Sapo genérico	62
	<i>Kwarakwara</i>	Perereca	1
	<i>Mawa</i>	Sapo não identificado	2
	<i>Kutó</i>	Sapo-cururu	1
Peixes	<i>Kaxkmi</i>	Poraquê	3
	<i>Warakaka</i>	Mandi	2
	<i>Piraruku</i>	Pirarucu	1
Insetos	<i>Parawaku</i>	Cigarra	1
	<i>Okomo miin</i>	Ninho de vespa (caba)	2

Fonte: Elaboração nossa.

Gráfico 2. Quantidade de espécies animais por classe.

Fonte: Elaboração nossa.

Duas figurações foram identificadas como pessoas humanas [*tooto*]; 10 como gêmeos [*itaknorenno*], sem especificar se são humanos ou não; 4 como pajés [*yaskomo*] (Figura 9). Por fim, 30 peças foram denominadas de pés [*yihitari*], sem especificação alguma de distinção entre pés humanos e de outros seres, e 28 peças foram atribuídas genericamente aos “espíritos da floresta” a partir dos termos *mayaw*/*worokyam*. Para um dos autores deste texto (Cooni Wai Wai), *mayaw* e *worokyam* significam a mesma coisa. A primeira palavra está na língua katwena, a segunda na waiwai.

Figura 9. Apliques com representação de pessoas humanas, gêmeos, “pés”, pajés, pajés com máscaras e “espíritos da floresta”.



Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

OLHARES EM PERSPECTIVA

O pensamento indígena opera numa lógica sensível que lhe possibilita ordenar o mundo com base em conhecimentos empíricos, assim como a ciência ocidental (LÉVI-STRAUSS, 2008). Os Wai Wai especificaram e classificam diversos seres e partes de seus corpos a partir de critérios como anatomia, comportamento e hábitat. A experiência empírica da caça, as histórias e a absorção da paisagem, fundamentada na ecologia da vida (INGOLD, 2000) e do bem viver (CUSICANQUI, 2018) dos Wai Wai com todos os seres, enriquece sobremaneira o olhar indígena sobre as peças.

Excetuando as categorias genéricas, como sapos ou aves, bem como pés e “espíritos da floresta”, foram reconhecidas 13 aves diferentes, 13 mamíferos, 8 répteis, 3 anfíbios, 3 peixes e 2 peças vinculadas a distintos insetos, totalizando 40 especificações (Gráfico 2, Tabela 1). Se não fosse a interpretação indígena, não teriam sido identificadas tantas diferenças, sobretudo nos casos em que as peças estavam severamente erodidas, como os casos da onça, preguiça e mandi (Figura 4, 5 e 8). Outrossim, nota-se que as figurações não precisam ser estilisticamente parecidas para serem associadas ao mesmo ser, como os papagaios, macacos-prego, guaribas, jacarés, entre outros.

O pensamento científico ocidental é fundado em categorias opostas e binárias, sendo a separação natureza-cultura a principal delas, que, inclusive, marca uma das diferenças entre os pontos de vista *karaiwa* e Wai Wai. Um bom exemplo disso é a recorrência da oposição antropomorfos versus zoomorfos, categorias recorrentes da arqueologia na distinção das figurações. Através da classificação indígena, observa-se que esse binarismo nem sempre opera, haja vista que as categorias “pés”, “gêmeos” e “espíritos da floresta” não se enquadram em nenhuma delas. Estudos recentes sobre a iconografia da cerâmica Konduri (ALVES, 2020; VIDAL DE OLIVEIRA, 2020), embora não tenham refletido diretamente sobre os limites dessa dualidade, apontaram a dificuldade em distinguir completamente algumas figurações com base nessas duas categorias.

No entanto, houve diversos casos em que essas duas categorias foram distinguidas sem maiores problemas. No caso dos apliques zoomorfos, a arqueologia *karaiwa* consegue, com frequência, subdividir em classes ou famílias aves, quelônios, batráquios, répteis, felinos etc. Se a figuração foi feita de modo que parece ser mais naturalista, com detalhes que ajudam a especificar o animal, as análises se arriscam em atribuição de gêneros ou espécies. Exemplos disso são as correntes identificações do urubu-rei nas cerâmicas Konduri e Tapajó, e da onça no estilo Globular (GOMES, 2002; GUAPINDAIA, 2008; HILBERT, 1955; NIMUENDAJÚ, 2004).

Ao estudar as cerâmicas Tapajós e Konduri do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Denise Gomes (2002) contou com o auxílio de especialistas em zoologia para identificar tartarugas, rã, gaviões, cachorros-do-mato, mutum-cavalo e tamanduá. Entretanto, sem a expertise zoológica, as interpretações da arqueologia *karaiwa* sobre o zoomorfismo Konduri e Tapajó tendem a ser mais amplas e menos específicas em relação às estabelecidas pelos Wai Wai.

As interpretações Wai Wai se baseiam em diversos pormenores, como no caso do *poinko* [queixada], definido pelo aspecto mais curto e grosso de seu focinho em relação ao focinho do *pakria* [caititu], mais comprido e fino (Figura 5). A maioria dessas peças reconhecidas como porcos são do estilo Globular e/ou Pocó (HILBERT, 1955, p. 65) e, mesmo outrora tendo sido entendidas como zoomórficas (GOMES, 2002, p. 329), desconhecemos, na bibliografia, interpretações que tenham reconhecido genericamente porcos-do-mato, muito menos com a referida diferenciação tão refinada entre caititu e queixada. Outrossim, a explicação Wai Wai dada para essas peças ultrapassou suas

características físicas visíveis, sendo acompanhada de descrições do comportamento dos animais identificados. No caso dos porcos, além do focinho, foi dito que o queixada é grande e anda em bando, ao passo que o caititu é pequeno e anda sozinho.

Na classificação dos sapos, também foram articulados aquilo que se vê e o comportamento do animal. O sapo cururu foi distinguido por ser grande, enquanto o *mawa* foi reconhecido por ter apenas a boca grande. Em ambos os casos, tais especificações foram seguidas de sons que esses seres emitem. Um apontamento importante para os Wai Wai foi dizer que o *mawa* costuma cantar à noite, avisando que está chegando o período das chuvas, época de plantar nas roças.

Entre os tucanos também foi possível estabelecer uma especificação mais refinada. Yde (1965) observou que os Wai Wai reconhecem quatro tipos diferentes de tucanos, não registrando nenhum nome geral para “tucano”. Assim, a peça identificada como *yakwe* foi feita por apresentar um bico mais comprido, característico do tucano araçari-de-bico-branco.

Outro exemplo se relaciona ao hábitat de determinados peixes. Inicialmente, os Wai Wai tiveram dúvida se uma determinada figura de peixe era pirarucu ou trairão (Figura 8). Quando informados de que a peça era proveniente do lago Sapucaá, no Baixo Rio Trombetas, entenderam tratar-se de um pirarucu, pois, segundo eles, naquela localidade não há trairão.

Contudo, nem todas as interpretações foram consensuais entre todos que estávamos analisando. Algumas vezes apenas um Wai Wai tinha mais segurança sobre a identificação. Alguns apliques foram entendidos como macaco e sagui pelos *karaiwa*, enquanto, para os Wai Wai, eram respectivamente lagarto e guariba (Figura 12). Noutras situações, em que o olhar *karaiwa* via um mamífero com focinho, os Wai Wai enxergavam ser a cabeça de uma cobra, da mesma forma em que uma preguiça para os segundos foi entendida como tartaruga pelos primeiros.

Essas diversas interpretações entre os *karaiwa* e os Wai Wai e entre os próprios Wai Wai ganhou novos olhares quando da visita dos Katxuyana. Apliques identificados como macacos pelos Wai Wai foram vistos como preguiça pelos Katxuyana (Figura 12). Ou então, ainda que para ambos uma cabeça era de cobra, não se chegava a um consenso quanto à sua espécie: se jararaca ou jiboia. Em casos mais extremos, a divergência foi absoluta e um aplique poderia ser tanto a figuração de cobra, jabuti ou até mesmo anta.

As dúvidas e discordâncias ocorridas na classificação indígena são recorrentes também na arqueologia *karaiwa*, só que, muitas vezes, não são ditas, ou melhor, publicadas. A dúvida é um elemento frequente, para não dizer diário, nos laboratórios de arqueologia. É raro alguém que não tenha dúvida nas etapas de classificação e análise de fragmentos e/ou artefatos. No entanto, essas dúvidas costumam ser “purificadas” na descrição/escrita final na forma de relatórios, teses, artigos etc. (LATOUR, 1991). Isso nos coloca diante de categorias que são reificadas e perpetuadas nas análises científicas. Um exemplo comum são os tipos de antiplásticos,¹⁵ associados a um estilo/fase cerâmico. Durante muito tempo, na arqueologia brasileira, esses elementos foram tidos enquanto indicadores culturais (MEGGERS; EVANS, 1970). Essa associação entre antiplástico e diferenças culturais tem sido discutida, questionada e, nas últimas décadas, abandonada (JÁCOME, 2017; MACHADO 2005-2006; RODRIGUES; VOLKMER-RIBEIRO; MACHADO,

¹⁵ Antiplásticos são elementos orgânicos ou inorgânicos presentes nas massas de argila para a produção cerâmica, conferindo a estas uma plasticidade adequada para a manipulação, moldagem e modelagem de peças cerâmicas, como pequenos fragmentos de quartzo, ossos, cascas de árvores etc.

2017; SILVA, 2000, 2016). As diferenças dos antiplásticos são atualmente reconhecidas enquanto escolhas técnicas relativas, por exemplo, às jazidas ou especificidades esperadas da performance das cerâmicas (SCHIFFER; SKIBO, 1997).

Figura 10. Peças com diferentes interpretações: macaco ou lagarto, sagui ou guariba e macaco ou preguiça.



Fotos: Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Cooni Wai Wai.

É possível que os resultados apresentados aqui fossem diferentes se os anciãos tivessem participado da análise.¹⁶ Poderiam ter sido identificados outros seres, ou algumas denominações mais genéricas poderiam ter sido mais esmiuçadas. Um exemplo disso foi a própria informação de Renato Katxuyana de que aquelas figuras eram em geral coisas de pajés. Ele mencionou que os pajés sonhavam com espíritos dos animais e, no dia seguinte, pediam para as mulheres fazerem tais imagens na argila. Uma afirmação semelhante ao que Jaime Xamen Wai Wai (2017) registrou com seu pai. Nesse sentido, a faixa etária jovem dos Wai Wai pode ter influenciado a classificação muito mais pelo conhecimento empírico sobre os animais da mata do que por histórias ou conhecimentos antigos de contato com espíritos, cujo repositório são as pessoas mais velhas. E isso nos leva a uma reflexão sobre a interpretação singular de algumas peças mais características do estilo Konduri.

No acervo estudado, os apliques identificados enquanto cabeças de jacaré e urubu são numericamente significativos (Gráfico 2). Há peças dessas duas classes definidas indiscutivelmente como urubu-rei pela arqueologia *karaiwa*. No entanto, os jovens enxergaram algumas dessas peças como cabeças de jacaré-açu [*watwaymo*], baseando-se fundamentalmente na espessura mais fina da boca do jacaré em relação à espessura do bico do urubu (Figuras 3 e 6). É marcante que todas as cabeças tenham sido identificadas enquanto urubu-de-cabeça-preta [*kwacinama*] e não urubu-rei [*kurumu*], como recorrentemente é identificado na arqueologia *karaiwa*, sobretudo com base no que se supõe ser os apêndices carnosos, ou crestas, característicos do bico dessa ave. Contudo, essa atribuição ao urubu-de-cabeça-preta não foi consensual entre os Wai Wai. Para Cooni, o certo seria atribuir essas cabeças ao urubu-rei em função do comprimento maior do bico e da presença da cresta. Todavia, em 2013, prevaleceu a interpretação de Seniras, por isso as peças foram associadas urubu-de-cabeça-preta. O urubu-rei ocupa um importante papel na mitologia e no xamanismo Wai Wai (FOCK, 1963). Os *Kurumuyana*, povo urubu-rei, moram na camada conhecida mais alta do céu e podem descer e se apresentar aos Wai Wai em sua forma animal cobertos por sua roupa de penas brancas ou em forma de humanos, quando estão sem essa roupa. Na produção artefactual atual dos Wai Wai, existem trançados que fazem referência direta ao urubu-rei (RODRIGUES, 2022), e não há informações sobre artefatos referentes ao urubu-de-cabeça-preta. Nos rios Mapuera e Cachorro, apliques Konduri foram reconhecidos enquanto cabeça de urubu-rei por parte dos mais velhos (JÁCOME; WAI WAI, 2020). Jácome (2017) registrou que as figuras de cabeças de urubu-rei podem fazer uma pessoa voltar a ser xamã. Jaime Xamen Wai Wai (2017) informou que essas peças indicam a antiga comunicação entre xamãs e os espíritos *worokyam*, testemunhando que antigamente os humanos aprendiam com esses espíritos.

A relação de semelhança das cabeças atribuídas aos urubus-reis com as associadas ao jacaré-açu, um animal bastante temido e que não costuma ser caçado, precisa ser aprofundada e mais bem discutida entre nós (*karaiwa* e Wai Wai); especialmente quando se considera que, em waiwai, *watwaimo* é formado por *watwa*, “jacaré”, mais o sufixo *-imo*, que dá sentido de “enorme” e “incrível”, algo sobrenatural (FOCK, 1963; HAWKINS, 1998). Deste modo, essa aproximação entre urubu e jacaré, pode ser mais do que formal. Ela pode carregar alguma relação cosmológica entre o urubu-rei e o jacaré-açu.

¹⁶ Diferenças de interpretações e interesses entre jovens e anciãos sobre sítios e materiais arqueológicos foram observadas entre os Asurini (SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011) e Laklânô-Xokleng (MACHADO; TSCHUCAMBANG; FONSECA, 2020).

As cabeças de urubu-rei, na perspectiva *karaiwa*, é um tipo de aplique muito importante, associadas especificamente aos vasos de gargalo. Alves (2018) discutiu como esses apliques também são frequentes em coleções atribuídas ao estilo Konduri, e não somente na cerâmica Tapajós, algo reforçado com o que foi encontrado em sítios arqueológicos com cerâmica Konduri nos rios Mapuera, Cachorro e Trombetas (GUAPINDAIA, 2008; JÁCOME, 2011, 2017).

Ainda em relação às cerâmicas Konduri, sugeriu-se recentemente a possibilidade de algumas figurações estarem ligadas a seres compósitos, ou até mesmo ao xamanismo, com base em objetos associados aos seres figurados (ALVES, 2020; JÁCOME; RODRIGUES; WAI WAI, 2018; VIDAL DE OLIVEIRA, 2020). Dentro do que os *karaiwa* definem como antropomorfos, os Wai Wai diferenciam figurações de pessoas humanas e pessoas pajés, considerando que os últimos estão mais ornamentados por filetes e ponteados que evocam cocares, diademas e máscaras. Uma delas foi descrita como pajé usando máscara *yamó*, usada outrora na festa homônima (RODRIGUES, 2022; WAI WAI, W., 2017).

Algumas figurações mais ornamentadas com apliques e ponteados foram denominadas como *maywaw/worokyam*, traduzidas como “espíritos da floresta”.¹⁷ Para os *karaiwa*, algumas dessas peças são de cabeça de quelônios, enquanto outras estariam mais parecidas com o que os Wai Wai identificaram como cabeça de preguiça, porém menos ornamentadas (Figura 5 e 9).

A associação de figurações semelhantes a determinados animais a seres sobrenaturais é significativa. Uma das histórias Wai Wai mais importantes trata de Mawary que, ao se casar com uma mulher do povo Anaconda [*Okoimoyana*], originou os Wai Wai e vários outros povos da região, como Katwena, Hixkaryana, entre outros (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008; CAIXETA DE QUEIROZ; MESQUITA; MIGLIANO, 2009; DIAS JR., 2010; FOCK, 1963; HOWARD, 2001). Mawary era filho de uma jabota com outros animais, ou espíritos, a depender da versão. Há versões que o descrevem como humano e outras como jabuti, ou seja, não tem uma forma fixa, uma essência, como todos os seres no mundo onde os humanos e animais eram ainda indiferenciados (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Em outra narrativa registrada no rio Mapuera por Caixeta de Queiroz (2008, p. 273), Mawary é um espírito que orienta dois gêmeos nascidos de ovos de jabuti, e, aquele que seguiu suas orientações, originou os Wai Wai. Assim, é fácil entender a semelhança da associação de algumas peças com os “espíritos” e outras com os jabutis. Além disso, Mawary tinha um irmão gêmeo, Wootxin. Essa relação fraternal pode ter fundamentado a identificação das figuras “gêmeos”. A associação dessas peças “espíritos da floresta” à imagem da cabeça da preguiça, a qual, por sua vez, repousa numa relação entre os antigos pajés Katwena e o espírito “pai das preguiças”. Segundo Seniras, antigamente alguns pajés desse povo guardavam crânios de preguiça que eram usados como *ñokwa* [“amuletos”] para se comunicarem com esses espíritos. Em suma, essas figurações “espíritos” estão vinculadas ao xamanismo, como a relação entre as cabeças de urubu-real e os pajés apresentada por J. Wai Wai (2017).

A classificação Wai Wai, a partir da forma fixa e aparência, chega nas capacidades e nos comportamentos dos seres, ainda que estes nunca tenham sido vistos empiricamente por quem faz a associação, como no caso dos “espíritos da floresta”.

¹⁷ Segundo Fock (1963), seja para curar ou atacar, os pajés sempre recorriam a diferentes espíritos *worokyam*, já que alguns deles se tornavam seus aliados

Como dito, o consenso nem sempre foi alcançado, seja entre as próprias discussões acadêmicas não indígenas quanto entre os próprios indígenas, dentro ou fora de um mesmo povo. Não obstante, chamou muito a atenção dos *karaiwa* o fato das diferentes interpretações serem aceitas. Nesse sentido, o respeito indígena à visão do outro corrobora o observado em outros trabalhos (CABRAL, 2017; SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011). Como pontuou Manuela Carneiro da Cunha,

essa universalidade do conhecimento científico não se aplica aos conhecimentos tradicionais — muito mais tolerantes —, que acolhem frequentemente com igual confiança, ou ceticismo, explicações divergentes, cuja validade entendem ser puramente local (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 301).

Olhar as cerâmicas arqueológicas de um passado indígena considerando seriamente as interpretações desses povos não pode ser apenas um exercício restrito a práticas denominadas etnoarqueologia, arqueologia indígena ou etnografia arqueológica. Trata-se também de fazer uma reflexão sobre a própria ciência (eminente branca, eurocentrada), reavaliando e relativizando o suposto direito da arqueologia em deter os controles das narrativas sobre os vestígios arqueológicos indígenas (COLWELL-CHANTHAPHONH *et al.*, 2010; GNECCO; ROCABADO, 2010; SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011; SMITH; WOBST, 2005). Ao mesmo tempo que fazemos uma (auto) crítica metodológica sobre critérios de classificação — como em parâmetros de certeza e dúvida —, também exercitamos o olhar — e a crítica — indígena sobre isso.

Como argumentou Atalay (2012), o futuro da arqueologia depende da sua relevância para diferentes comunidades e dos benefícios recíprocos que pode trazer para cada uma das pessoas envolvidas em sua prática. A experiência conjunta trouxe benefícios mútuos. Além de atrair jovens para o potencial de descobertas interpretativas sobre o passado indígena da região onde nasceram e cresceram, estimulando um dos autores deste texto a se tornar arqueólogo (WAI WAI, C., 2019) e a despertar a curiosidade sobre os significados e a importância daquelas cerâmicas. Contribuiu também para o desenvolvimento de uma tese de doutorado sobre cerâmica na região do Mapuera (JÁCOME, 2017) e propiciou conhecimento sobre nomes de animais e partes de seus corpos na língua waiwai, o que ajudou sobremaneira a posterior realização de uma pesquisa etnoarqueológica (RODRIGUES, 2021, 2022). Ademais, considerando a pretensão universal da ciência, que opera por verdades absolutas que se sobrepõem umas às outras através de rupturas paradigmáticas (CARNEIRO DA CUNHA, 2009), os *karaiwa* aprenderam que distintos pontos de vistas podem coexistir sem maiores problemas, mesmo em lugares aparentemente tão rígidos, como as categorias de classificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, as pesquisas arqueológicas com povos indígenas se inspiraram numa abordagem histórico-direta (FRIKEL, 1963), ocorrendo sobretudo na perspectiva etnoarqueológica (SILVA, 2000, 2009; WÜST, 1981-1982;). Recentemente, coexistem outras abordagens, como as arqueologias colaborativas (LIMA *et al.*, 2020; MACHADO, 2013; SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011) e indígenas (CABRAL, 2017; JÁCOME, 2017; MACHADO, 2017; SILVA, 2012). Arqueologias indígenas não são apenas feitas para, sobre, com e por povos indígenas, colocando seus pontos de vista ao lado e nas conversas com as perspectivas acadêmicas, mas carregam conflitos para o âmago da disciplina, provocando reflexões sobre a colonialidade do saber (LANDER, 2005), assim como são

capazes de subverter eixos teóricos e metodológicos disciplinares através das cosmovisões indígenas (CABRAL, 2014; MILION, 2005; SILVA, 2012; SMITH; WOBST, 2005). Como salientado por Silva (2012), as arqueologias indígenas são plurais em função de suas práticas locais, contextos, situações e razões para fazer arqueologia, ao mesmo tempo em que apresentam características em comum, como evocar ancestralidade, memória e oralidade.

As várias arqueologias indígenas feitas no Brasil demonstram interesses, entendimentos e usos distintos dessa disciplina acadêmica (ARAPIUN, 2018; CABRAL, 2017; GREEN; GREEN; NEVES, 2010; JÁCOME, 2017; JÁCOME; WAI WAI, J., 2020; JESUS, 2019; MACHADO, 2017; MACHADO; TSCHUCAMBANG; FONSECA, 2020; MUNDURUKU, 2019; SILVA, 2012; VALLE *et al.*, 2018; WAI WAI, C., 2019; WAI WAI, J., 2017; WAI WAI, O., 2021), seja em relação à paisagem, a objetos específicos, às suas agências, memórias e temporalidades, bem como os seus potenciais usos políticos e educativos. A presente pesquisa é o primeiro esforço de interpretação de figurações cerâmicas feito por e com indígenas a partir de coleções aleatoriamente formadas. O estudo ocorreu fora da terra indígena e se efetivou pela vontade espontânea de entender as cerâmicas por parte dos Wai Wai, assim como pela predisposição dos *karaiwa* envolvidos em aprender outras formas de ver o material, por mais que isso pudesse confrontar suas interpretações. Ainda, foi necessário reorganizar os planos iniciais de estudo, enfatizando informações qualitativas em vez de quantitativas. O que deveria ser apenas mais uma análise de materiais fora de um laboratório convencional, tornou-se um palco de aprendizagem e mudança de trajetória para alguns envolvidos.

O estudo de coleções tem diversos potenciais e apresenta resultados positivos para tratar múltiplas questões pertinentes na arqueologia brasileira (ALVES, 2019; BARRETO, 2009; BARRETO; MACHADO, 2001; CORRÊA, 2014; GASPAS; RODRIGUES, 2020; RODRIGUES, 2022). Contrapomos olhares indígenas e não indígenas sobre classificação de figurações cerâmicas, priorizando o conhecimento indígena acerca de um universo que mais se aproxima a seu modo de vida do que o capitalista e urbano, no qual se insere a maioria das pessoas que atualmente fazem arqueologia. Isso também foi uma maneira de valorizar coleções arqueológicas formadas sem contextos de proveniência bem documentados. Por outro lado, em geral, nossa experiência corrobora também observações de trabalhos com outros povos. E isso ficou evidente sobretudo em relação aos conhecimentos amplos de mundo na interpretação das peças arqueológicas, bem como divergências de interesses e pontos de vistas em relação aos mais jovens e os mais velhos (CABRAL, 2017; MACHADO; TSCHUCAMBANG; FONSECA, 2020; SILVA; BESPALÉZ; STUCHI, 2011). Portanto, a importância e o sentido das peças arqueológicas não se encerram nelas mesmas, mas no potencial de indicar as relações que as pessoas produtoras estabeleciam com outros seres, muitos deles espirituais e ancestrais, assim como na capacidade de estimular reflexões nas pessoas do presente.

Vimos que não há uma interpretação indígena unívoca, assim como na ciência. Portanto, a própria categoria de *karaiwa* oposta a Wai Wai por si só é incompleta, servindo aqui apenas para marcar as diferenças mais extremas com base na língua waiwai, principal idioma de um dos autores. Assim como há diferentes modos explicativos da arqueologia, decorrentes de linhas de pesquisa, teorias ou metodologias distintas, isso também ocorre entre os Wai Wai. Todavia, as diferenças são aceitas sem maiores problemas. Acreditamos que explicitar isso não seja irrelevante já que não existe uma única interpretação Wai Wai, Katxuyana ou indígena, mas inúmeras possibilidades de interpretações, e isso ocorre por vários motivos, como o maior ou menor conhecimento de animais (anatomias,

comportamentos e hábitat), de histórias antigas, diferenças culturais ou regionais, entre outros. É por isso que as arqueologias indígenas devem ser entendidas no plural.

Esperamos dar continuidade a este estudo de forma mais aprofundada e sistemática, retornando a análise da coleção de Oriximiná e, se possível, incluindo outras coleções da região do Trombetas. Demonstramos quão rica podem ser as análises laboratoriais ao integrar diferentes olhares quando as pessoas da academia estão dispostas a considerar a ciência construída fora de seus âmbitos disciplinares. As explicações indígenas são tão legítimas quanto as da ciência, pois advêm de um modo de conhecer e explicar o mundo, tal qual a ciência. Elas não se limitam à morfologia das peças. Os seres identificados, por vezes a partir de pequenos detalhes, são gatilhos para evocar características de seu comportamento e hábitat, e rememorar momentos de encontros com eles. Importa pensar nos outros e não somente saber quem eles são. O prazer em reconhecer e falar deles está na valorização da vida com eles. Em suma, esperamos contribuir para uma arqueologia na qual possamos incorporar, discutir e debater conhecimentos indígenas também sobre categorias mais elementares da própria constituição dessa disciplina, como a classificação, além das necessárias questões teóricas mais amplas.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de deixar nossos sinceros agradecimentos a André Prous, incentivador desta pesquisa. Sem ele e Ruben Caixeta de Queiroz, coordenadores do Projeto Norte-Amazônico, nenhuma das pesquisas de arqueologia nas Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera teria sido possível. Agradecemos também aos nossos colegas da antropologia e arqueologia do Projeto Norte-Amazônico, em especial a Marcony Alves e Elber Glória, que participaram ativamente das análises líticas e cerâmicas. Agradecemos à equipe que esteve na Secretaria de Cultura de Oriximiná, em especial, a João Felipe Lobato e Hamilton Souza. Gostaríamos de fazer um agradecimento especial a Alfredo Wai Wai, fundamental nas análises e traduções ao longo da pesquisa em Oriximiná/PA. Dedicamos esse trabalho ao nosso querido amigo Seniras Wai Wai (*in memoriam*), que sempre será lembrado com alegria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. L. *Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ALVES, M. L. Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas*, v. 13, n. 1, p. 11-36, 2018.
- ALVES, M. L. Revisitando os *alter egos*: figuras sobrepostas na iconografia Konduri e sua relação com o xamanismo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas*, v. 15, n. 3, e20190105, 2020.
- ARAPIUN, Ana Caroline Sousa da Silva. *De mãe para filhos: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.
- ATALAY, S. *Community-Based Archaeology: Research with, by, and for Indigenous and Local Communities*. Berkeley (US): University of California Press, 2012.
- BARATA, F. *A arte oleira dos Tapajó: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1950. (Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 2).

- BARRETO, C. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BARRETO, C. Modos de figurar o corpo na Amazônia Pré-Colonial. In: ROSTAIN, S. (org.). *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito (EC): Instituto Francés de Estudios Andinos, 2014. p. 123-132.
- BARRETO, C.; MACHADO, J. S. Exploring the Amazon, Explaining the Unknown: Views from the Past. In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (ed.). *Unknown Amazon: Studies in Visual and Material Culture*. London (GB): The British Museum Press, 2001. p. 232-251.
- BEZERRA, M. Com os cacos no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 85-99, 2018.
- CABRAL, M. P. E se todos fossemos arqueólogos?: experiências na terra indígena Wajãpi. *Anuário Antropológico Brasília: UnB*, v. 39, n. 2, p. 115-132, 2014.
- CABRAL, M. P. Sobre el Ronquido del Hacha y otras cosas extrañas: reflexiones sobre la arqueología y otros modos de conocimiento. In: PELLINI, J. R.; ZARANKIN, A.; SALERNO, M. A. (ed.). *Sentidos indisciplinares: arqueología, sensorialidad y narrativas alternativas*. Madrid (ES): JAS Arqueología SLU, 2017. p. 221-249.
- CAIXETA DE QUEIROZ, R. Cosmologia e história Waiwai e Katxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana). In: GRUPIONI, D. F.; ANDRADE, L. M. M. (org.). *Entre águas bravas e mansas, índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo: Iepé, 2015. p. 104-132.
- CAIXETA DE QUEIROZ, R. *Trombetas-Mapuera: território indígena*. Brasília, DF: Funai-PPTAL, 2008.
- CAIXETA DE QUEIROZ, R.; MESQUITA, C.; MIGLIANO, M. *Histórias de Mawary*. Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2009. 1 DVD (56 min), son., color.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 301-310.
- CHMYZ, I. (org.). *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica*. Curitiba: UFPR, 1966.
- COLWELL-CHANTHAPHONH, C.; FERGUSON, T. J.; LIPPERT, D.; MCGUIRE, R. H.; NICHOLAS, G. P.; WATKINS, J. E.; ZIMMERMAN, L. J. The Premise and Promise of Indigenous Archaeologies. *American Antiquity*, v. 75, n. 2, p. 228-238, 2010.
- CORRÊA, Â. A. *Pindorama de mboi e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CUSICANQUI, S. R. Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires (AR): Tinta Limón, 2018.
- DIAS JR., C. Mawari e Woxin: Nossa fala cantada. *Amazônia e Outros Temas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010. p. 145-158. (Textos Antropológicos).
- DIAS JR., C. Unidades sociais e padrões de relações; fusão e fissão entre os Waiwai no Jatapuzinho. *Estudios Latinoamericanos*, n. 23, p. 51-62, 2003.
- FOCK, N. *Waiwai: Religion and Society of an Amazonian Tribe*. Copenhagen (DK): The National Museum of Denmark, 1963.

- FRIKEL, P. Tradição tribal e arqueologia no Tumucumaque. *Revista do Museu Paulista*, v. 14, p. 471-491, São Paulo, 1963.
- GASPAR, M. V.; RODRIGUES, I. M. M. Coleções etnográficas e arqueologia: uma relação pouco explorada. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas*, v. 15, n. 1, p. 1-19, jan./abr., 2020. DOI: 10.1590/2178-2547-bgoeldi-2019-0018.
- GNECCO, C.; ROCABADO, P. A. ¿Qué hacer?: elementos para una discusión. In: GNECCO, C.; ROCABADO, P. A. (ed.), *Pueblos indígenas y arqueología en América Latina*. Bogotá (CO): Universidad de Los Andes, 2010. p. 23-47.
- GOMES, D. M. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GOMES, D. M.; LUIZ, J. G. Contextos domésticos no sítio arqueológico do Porto, Santarém, Brasil, identificados com o auxílio da geofísica por meio do método GPR. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas*, v. 8, n. 3, p. 639-656, set./dez. 2013. DOI: 10.1590/S1981-81222013000300010.
- GREEN, L. F.; GREEN, D. R.; NEVES, E. G. Conocimiento indígena y ciencia arqueológica: los retos de la arqueología pública en la reserva Uaçá. In: GNECCO, C.; ROCABADO, P. A. (ed.), *Pueblos indígenas y arqueología en América Latina*. Bogotá (CO): Universidad de Los Andes, 2010. p. 301-342.
- GUAPINDAIA, V. L. C. *Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas/PA*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- HAWKINS, R. E. Wai Wai. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin (DE): Mouton de Gruyter, 1998. v. 4, p. 24-224.
- HILBERT, P. P. *A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná*. Belém: MPEG, 1955.
- HILBERT, P. P.; HILBERT, K. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropologia*, n. 75, p. 1-14, 1980.
- HOWARD, C. V. *Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of Northern Amazonia*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculty of the Division of Social Science, University of Chicago, Chicago (US), 2001.
- INGOLD, T. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London (GB): Routledge, 2000.
- JÁCOME, C. P. *Dos Waiwai aos Pooco: fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrí), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- JÁCOME, C. P. *Pelo rio Mapuera: reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- JÁCOME, C. P., RODRIGUES, I.; WAI WAI, C. Classificação das cerâmicas arqueológicas da coleção da prefeitura de Oriximiná/PA: cruzando os olhares Wai Wai e arqueológico. In: REUNIÃO DA SAB NORTE, 4., 2018, Manaus. *Caderno de Resumos [...]*. Manaus: SAB Norte, 2018.

- JÁCOME, C. P.; WAI WAI, J. X. A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia Karaiwa e Wai Wai. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas*, v. 15, n. 3, e20190140, 2020.
- JESUS, Hudson R. M. Patrimônio Tapajowara no Sítio Porto: herança cultural e resistência étnica na região de Santarém, rio Tapajós. *Revista de Ciências Humanas CAETÊ*, n. 6, v. 2, p. 83-99, 2019.
- LANDER, E (org.). A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires (AR): CLACSO, 2005.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Edições 34, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- LIMA, H.; BARRETO, C.; BETTANCOURT, C. J. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: LIMA, H., BARRETO, C. BETTANCOURT, C. J. (org.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia*. Belém: IPHAN: MPEG, 2016. p. 19-31.
- LIMA, H.; BARRETO, C.; BOTELHO, G.; MARQUES, F.; BENATHAN, C.; ALHO, F.; SILVA, E.; MORAES, B.; HARPE, K.; SHEPARD JR., G.; PACE, R. OCA – Origens, Cultura e Ambiente: uma proposta de arqueologia colaborativa em Gurupá/PA. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 14, n. 1, p. 96-128, 2020.
- MACHADO, J. S. Arqueologias indígenas, os Laklânô Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017.
- MACHADO, J. S. História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n.1, p. 72-85, 2013.
- MACHADO, J. S. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 15/16, p. 87-111, 2005-2006.
- MACHADO, J. S.; TSCHUCAMBANG, C.; FONSECA, J. R.; Stones, Clay and People Among the Laklânô Indigenous People in Southern Brazil. *Archaeologies*, v. 16, p. 460-491, 2020. DOI: 10.1007/s11759-020-09405-8.
- MEGGERS, B.; EVANS, C. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge (US): Harvard University Press, 1961. p. 372-388.
- MEGGERS, B.; EVANS, C. *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington, DC (US): Smithsonian Institution, 1970.
- MILION, T. Developing an Aboriginal Archaeology: Receiving Gifts from White Buffalo Calf Woman. In: SMITH, C.; WOBST, H. M. Decolonizing Archaeological Theory and Practice. In: SMITH, C.; WOBST, H. M. (ed.). *Indigenous Archaeologies: Decolonizing Theory and Practice*. London (GB); New York (US): Routledge, 2005. p. 39-51.
- MUNDURUKU, Jair Boro. *Caminhos para o passado: Ocaô, Agukabûk e Cultura Material Munduruku*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- NEVES, E. G.; GUAPINDAIA, V. L. C.; LIMA, H. P.; COSTA, B. L. S.; GOMES, J. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificação de paisagens na calha do Amazonas. In: ROSTAIN, S. (org.). *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito (EC): Instituto Francés de Estudios Andinos, 2014. p. 137-158.

- NIMUENDAJÚ, C. *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*. STENBORG, P. (ed.). *Ethnological Studies*. Göteborg (SE): Elanders Infologistik Väst AB, 2004. v. 45.
- OLIVEIRA, E. Corpo de barro, corpo de gente: metáforas na iconografia das urnas funerárias policromas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, v. 15, n. 3, 2020.
- PROUS, A. Apuntes para análisis de industrias líticas. In: PROUS, A. *Ortegalia 2*. Ortigueira (ES): Fundación Federico Maciñeira, 2004.
- ROCHA, B.; BELETTI, J.; PY-DANIEL, A. R.; MORAES, C. P.; OLIVEIRA, V. H. Na Margem e à Margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. *Amazônica*, v. 6, n. 2, p. 358-384, 2014.
- RODRIGUES, I. M. M. Corpos que emergem: vegetais trançados e sua persistência entre os povos do rio Mapuera. *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 3, p. 146-177, 2021.
- RODRIGUES, I. M. M. *Tramas da tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- RODRIGUES, I. M. M.; VOLKMER-RIBEIRO, C.; MACHADO, V. S. Cauixi em cerâmica arqueológica da região de Lagoa Santa, Minas Gerais: inclusão de esponjas processadas ou exploração de depósitos sedimentares com espículas? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 12, n.1, p. 85-100, jan./abr. 2017.
- ROSSEVELT, A. C. The Rise and Fall of the Amazon Chiefdoms. *L'Homme*, v. 33, n. 2/4, p. 255-283, avril/déc. 1993.
- SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J.M. The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.
- SILVA, F. A. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 4, n. 1, p. 27-37, 2009.
- SILVA, F. A. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SILVA, F. A. O plural e o singular das arqueologias indígenas. *Revista de Arqueologia*, v. 25, n. 2, p. 24-42, 2012.
- SILVA, F. A. Tipos cerâmicos ou modos de vida?: etnoarqueologia e as tradições arqueológicas cerâmicas na Amazônia. In: LIMA, H.; BARRETO, C.; BETTANCOURT, C. J. (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia*. Belém: IPHAN; MPEG, 2016. p. 40-49.
- SILVA, F. A.; BESPALÉZ, E.; STUCHI, F. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. *Amazônica*, v. 3, p. 1, p. 32-59, 2011.
- SMITH, C.; WOBST, H. M. Decolonizing Archaeological Theory and Practice. In: SMITH, C.; WOBST, H. M. (ed.). *Indigenous Archaeologies: Decolonizing Theory and Practice*. London (GB); New York (US): Routledge, 2005. p. 4-14.
- TAYLOR, A. C.; VIVEIROS DE CASTRO, E. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165236.

- VALENTINO, Leonor. *As transformações da pessoa entre os Katwena e os Tunayana dos rios Mapuera e Trombetas*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- VALLE, R.; LÓPEZ, G. T. E.; TUYUKA, P. H. T.; MUNDURUKU, J. S. What is Anthropogenic?: On the Cultural Aetiology of Geo-Situated Visual Imagery in Indigenous Amazonia. *Rock Art Research*, v. 35, n. 2, p. 123-144, 2018.
- VIDAL DE OLIVEIRA, L. Figuras zoo-antropomorfas e seus adornos corporais: ponteados, linha incisa e modelagem na cerâmica Konduri (1000-150 AD). *Revista de Arqueologia*, v. 33, n.1, p. 147-168, 2020. DOI: 10.24885/sab.v33i1.701.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na Amazônia indígena. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 345-399.
- WAI WAI, C. *A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente*. 2019. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- WAI WAI, W. P. *A mudança no ritual do povo Wai Wai*. 2017. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.
- WAI WAI, J. X. Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da terra indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil). 2017. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.
- WAI WAI. Otekmi Kunupira. *O Xkmari Wai Wai: produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera*. 2021 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2021.
- WÜST, I. Observações sobre a tecnologia cerâmica Karajá em Aruanã. *Arquivos do Museu de História Nacional*, v. 6/7, p. 311-322, 1981-1982.
- YDE, J. *Material Culture of the Waiwái*. Copenhagen (DK): National Museum of Denmark, 1965.